

Cisma nos EUA vai além da ideologia

Elites têm dificuldade de compreender o modo de pensar diferente de parte da população americana que adotou Trump como líder. É um hiato epistemológico

Por Gillian Tett — Financial Times

14/01/2021 05h00 · Atualizado há um dia

Passaram-se só dois meses desde que o ex-presidente dos EUA Barack Obama disse à revista “The Atlantic” que o país estava “ingressando em uma crise epistemológica”. “Se não tivermos a capacidade de distinguir o que é verdadeiro do que é falso, por definição o espaço de livre circulação de ideias não funciona”, disse. “E, por definição, nossa democracia não funciona.”

Como soam verdadeiras essas palavras agora! Os EUA - e o mundo - ainda não se recuperaram do horror do odioso abismo político exposto pela violência contra o Congresso dos EUA, em Washington, na semana passada. Mas, com o desenvolvimento das avaliações em torno desses acontecimentos, ficou claro que não se trata apenas de uma luta ideológica.

Como sugeriu Obama, trata-se também de uma luta cultural e de pensamento que entrou em escalada desde que Donald Trump começou a sua campanha presidencial, em 2015. Os futuros historiadores poderão concluir que um dos maiores legados de Trump foi expor e deixar clara essa luta.

A reação nacional ao ataque ao Congresso é apenas o exemplo mais recente. Os democratas e as pessoas que pertencem às elites de alta escolaridade do país retrataram, de modo geral, a invasão como um abuso da Constituição, que tem de ser enfrentado pela lógica e pela lei. “Temos de usar a fé e a razão para fazer frente a isso”, disse o historiador Jon Meacham à TV MSNBC. Os apoiadores de Trump pensam diferente. Estão espumando diante do simbolismo de o líder deles ser defenestrado das plataformas de redes sociais e diante da percebida arrogância dessas elites.

Pesquisas explicitam esse fosso epistemológico. Uma pesquisa-relâmpago da YouGov, divulgada na semana passada, mostrou que só 25% dos republicanos viram o ataque ao Congresso como uma ameaça à democracia - e que quase 50% deles aprovaram a invasão.

Outra pesquisa, de dezembro, da Universidade Quinnipiac revelou que 75% dos republicanos consideram que houve fraude eleitoral generalizada na eleição presidencial de novembro; já 97% dos democratas não viram fraude.

Isso pode chocar algumas pessoas, até porque jornalistas, autoridades eleitorais e advogados estão entre os que declararam insistentemente não haver nenhuma prova de fraude eleitoral. Mas outra pesquisa, da empresa de relações públicas Edelman, mostra por que essa reação não está funcionando. Revela que insignificantes 18% dos eleitores de Trump confiam na mídia e que só 30% deles confiam no governo, contra 57% e 45% dos eleitores de Biden.

E, o que é mais impressionante, o grau de confiança manifestado nas instituições pela “massa” é muito menor do que o revelado pelo público conhecido como bem-informado - de novo aquelas elites altamente escolarizadas.

A pesquisa da Edelman sugere que muitos americanos só acreditam em pessoas e instituições que eles conhecem, seja por meio do seu bairro, da empresa em que trabalham, de sua linha de visão ou de seu grupo social, o que significa que “a confiança é local”. Em outras palavras, o que predomina é o tribalismo, tanto em termos ideológicos quanto epistemológicos.

A reação automática da maioria dos democratas é responsabilizar Donald Trump por isso. Mas um ponto de vista mais matizado - e potencialmente mais construtivo - pode ser encontrado no brilhante livro recente do biólogo evolutivo e antropólogo Joseph Henrich, de Harvard. Em “The Weirdest People in the World” ele delinea o que chama de o modo de pensar de pessoas ocidentais de alta

escolaridade, industrializadas, ricas e democráticas (“Weird”, nas iniciais em inglês, palavra que indica estranho ou esquisito), em contraposição a grupos não-Weird.

Para Henrich as formas de pensar dos Weird se baseiam nos ideais do individualismo, da coerência moral e, acima de tudo, do tipo de lógica sequencial empregada nos sistemas de escrita alfabéticos. As elites ocidentais tendem a pressupor que esse é o único modo de pensar válido.

Mas, observa Henrich, a maioria das sociedades de toda a história empregaram sistemas mentais diferentes: elas veem a moralidade tendo como base o contexto, presumem que a identidade de alguém é ditada pela família e, fundamentalmente, preferem o raciocínio holístico”, e não o “raciocínio analítico”. “Os que pensam de maneira holística se concentram não nas partes, mas no todo... e preveem tendências temporais não lineares, ou até mesmo cíclicas.”

Esse último ponto é difícil de avaliar se a pessoa frequentou por anos escolas alicerçadas num sistema baseado em lógica Weird e, portanto, a encara como verdade absoluta. Mas o ponto-chave para entender os modos de pensar não-Weird é que as reações emocionais aos padrões têm mais importância do que o raciocínio focado, unidirecional, e que símbolos contam mais do que palavras.

Embora os EUA sejam primordialmente Weird no esquema de Henrich, sempre houve muito pensamento não-Weird no país, embora menos visível. O que Trump fez foi invocar esse modo de pensar em uma escala épica. Para muitas elites de alta escolaridade, no entanto, ele é tão difícil de entender que elas ou o ignoraram ou o encararam com desprezo.

É aí que está a separação epistemológica - e a inutilidade de as elites evocarem “a razão” para convencer os eleitores de Trump a repensar suas convicções. As palavras, por si só, não vão curar os EUA. A lei também não, tampouco a análise lógica da Constituição. O que se necessita desesperadamente é de empatia e de um novo enfoque que possa fazer sentido para os modos de pensar Weird e não-Weird. Só poderemos fazer frente ao legado de Trump se, primeiramente, entendermos por que ele teve tamanho poder.

Want to read more from the FT? Sign up for a free corporate trial for you and your team at: www.ft.com/am730.

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por taboola

LINK PATROCINADO

Amazon.com.br

AMAZON

LINK PATROCINADO

Condomínio com natureza exuberante a 50min de SP: agende sua visita agora!

CONDOMÍNIO PORTO SÃO PEDRO

LINK PATROCINADO

Médico alerta: Quem tem mais de 50 anos faça isso em casa para ter mais energia!

DR. RAFAEL FREITAS

LINK PATROCINADO

Essa isca está varrendo os lagos e rios em São Paulo e região

ULTRAFISH PRO

LINK PATROCINADO

Chegou ao Brasil a lupa de cabeça mais usada na Europa

SUPER LUPA

LINK PATROCINADO

Baixe todas as NFes emitidas contra seu CNPJ automaticamente!

ARQUIVEI

Conteúdo Publicitário

VALOR INVESTE

Ter banco permite à XP mais que dobrar de tamanho sem trazer clientes novos, diz Benchimol